



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



O PAPEL DA LEITURA NO PROCESSO DE PRODUÇÃO LITERÁRIA: UMA ANÁLISE DE PRODUÇÕES DE CORDEL

Rozilene Reis Bomfim da Silva¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo de pesquisa o estudo da Literatura de Cordel, como meio motivador para a leitura e escrita, pois este tipo de literatura mostrou-se eficiente como instrumento de comunicação e interação social. Para alcançar os objetivos propostos, foram aplicadas atividades pedagógicas na Escola Municipal Ademário Francisco dos Santos, localizada na zona rural do município de Santo Antônio de Jesus-BA. Os resultados alcançados demonstraram que a literatura de cordel, trabalhada no ambiente escolar, é uma rica possibilidade de metodologia pedagógica, uma vez que, através dos folhetos de cordel, os alunos são motivados ao processo de leitura e escrita. O objetivo geral desta pesquisa foi incentivar os alunos a se tornarem leitores e escritores mais críticos e conscientes, valorizando a leitura e a escrita para o exercício da vida em cidadania. Este trabalho também pôde resgatar valores presentes na cultura popular, apresentando aos educandos características literárias diferentes daquelas que se encontram na literatura clássica e fazendo-os conhecer o trabalho de artistas que lançam mão da riqueza linguística que o Brasil oferece. Além da prática pedagógica aplicada na referida escola, utilizou-se para a composição deste artigo, pesquisas de campo a partir de entrevistas com cordelistas e pesquisa bibliográfica, com reflexões de diversos autores, entre eles: DIÉGUES (1977), CASCUDO (1984), BOSI (1987), FOUCAMBERT (1994), LAJOLO (2000), LEAHY-DIOS (2004).

Palavras-chave: Literatura de cordel; Leitura; Escrita; Cultura popular; Incentivo.

1 INTRODUÇÃO

Em tempos de profundas mudanças, é necessário um olhar mais profundo em relação à leitura e a escrita. Diante disso, atribui-se cada vez mais às instituições de ensino o papel de formar cidadãos críticos, capazes de inferir socialmente e de apresentar uma visão de mundo mais moderna. Entretanto, para pensar em uma educação eficiente e numa prática diferenciadora, é indispensável proporcionar condições de aprendizagem aos educandos, isto é, vê-los como

¹ Graduanda, do curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade Zacarias Góes – FAZAG – BA. E-mail: lene-reis@hotmail.com.

pessoas capazes de arquitetar sonhos a partir de propostas produzidas pelos seus educadores. Como nos afirma Coelho (2000, p. 85), “[...] no sentido de compreensão de mundo, a leitura é condição básica ao ser humano.” Desse modo, surgiu o seguinte questionamento: de que forma a literatura de cordel pode ser uma ferramenta de incentivo á leitura e produção de textos com os alunos do 7º ano, da Escola Municipal Ademário Francisco dos Santos?

A experiência em sala de aula prova que a falta de estímulo para a leitura torna-se cada vez mais uma tarefa difícil para o professor, em alguns casos o aluno só faz leitura quando ele quer. Em consequência disso, sem leitura o aluno terá dificuldades em produzir um texto.

E como viés nesse processo de leitura e escrita, a Literatura de cordel será um suporte nessa carência de ensino e aprendizagem. Por se tratar de uma Literatura com uma linguagem acessível, que produz o lúdico, uma leitura prazerosa, que muitas vezes trazem o lado humorístico, (retratando a cultura de um povo), abordando fatos da vida cotidiana, como festas, políticas, brigas, religião, vida dos cangaceiros, milagres, e principalmente os amores, ao mesmo tempo é uma literatura sem muitas páginas. Isso é importante, pois os educandos reclamam muito de livros extensos, o que de certo modo pode motivá-los à prática da leitura.

A literatura de cordel é uma forma de poesia popular, trazida para o Brasil por colonizadores europeus. Estabelece-se principalmente na Região Nordeste, onde se tornou uma forma artística, e uma manifestação cultural. Suas produções são impressa em folhetos, os quais são pendurados em barbantes, daí o nome cordel, já que em Portugal, a forma de comercialização desses folhetos eram pendurados em cordões. Eles são expostos para venda, quase sempre em feiras livre. Seus versos são escritos em rimas, seus folhetos são acompanhados de ilustrações que recebeu o nome de xilogravuras².

Desde o seu surgimento na Europa, a partir do século XVI, sua apresentação era feita de forma oral, os trovadores contavam histórias, cantavam e divertiam o povo através de suas poesias. Nos dias atuais os cordéis são realizados de forma escrita. Sendo assim, o cordel servia como meio de comunicação popular. Atualmente, essa forma de literatura está servindo como meio motivador para a leitura e escrita. Diante disso, é relevante mostrar que a literatura de cordel não são simplesmente folhetos pendurados em barbantes, mas sim literatura viva e rica, que além de mostrar a cultura de um povo, pode servir como suporte na metodologia de ensino, favorecendo tanto aos professores quanto aos alunos. É um

²Xilogravura é a arte de gravar em madeira. É uma técnica de impressão em que o desenho é entalhado com formão, faca ou buril em uma chapa de madeira que servirá de matriz, como carimbo.

instrumento pedagógico que pode seduzir os educandos com o gosto pela leitura, e posteriormente à escrita.

O interesse pela pesquisa surgiu através de observações feitas com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Ademário Francisco dos Santos, na localidade rural da Mina do Sapé, em Santo Antônio de Jesus-BA. Os alunos demonstraram-se motivados a partir de produções de textos, bem como leitura de diversos folhetos, promovendo dessa forma maior interação entre professor e aluno.

O trabalho está dividido em quatro seções: A primeira faz referência à literatura nas escolas; a segunda aborda o cordel como literatura de uma região; a terceira nos traz um relato sobre a importância do cordel ser trabalhado em sala de aula e, por fim, a quarta seção expõe uma análise do cordel em sala de aula na Escola Municipal Ademário Francisco dos Santos.

2 LITERATURA NAS ESCOLAS

O livro é uma ferramenta que pode mudar vidas, conceitos, comportamentos. Segundo Silva (1992, p.57), “[...] bons livros poderão ser presentes e grandes fontes de prazer e conhecimento [...]”. Sendo assim, a valorização da leitura começa por oferecer desde cedo à possibilidade de usufruir da boa literatura. Visto que nos dias atuais vivenciamos um distanciamento aos valores da literatura e uma perda ao saudável e construtivo hábito de leitura.

Segundo Leahy-Dios (2004, p.210), “a literatura poderá ultrapassar as estruturas e limites atuais..., passando a se constituir metáfora do fortalecimento social, assistindo os alunos no entendimento e engajamento no mundo, e ainda os capacitando a interferir, na ordem social, se necessário”. Diante de tais afirmações, nota-se que a literatura é uma forma de chamar a atenção do aluno, pois o mesmo propicia o desenvolvimento do pensamento, possibilitando um direcionamento particular de cada indivíduo. Portanto, nota-se que, o estudo de textos literários, em qualquer gênero, pode tornar a leitura uma prática difundida socialmente, uma vez que:

Estudar literatura é essencial ao processo de educar sujeitos sociais, por se tratar de uma disciplina sustentada por um triângulo interdisciplinar composto da combinação assimétrica de estudos da língua, estudos culturais e estudos sociais. (LEAHY-DIOS, 2004, p.207)

Tais considerações nos mostram o potencial que trabalhar literatura em sala de aula pode proporcionar, já que esta abre margem para outros tipos de conhecimento, proporcionando

dessa forma a interdisciplinaridade. Criando assim, condições para o educando relacionar-se com o mundo de forma que interaja com o ambiente e o modifique.

Entretanto, é de conhecimento público, que nos dias atuais, as novas tecnologias vêm afastando o aluno á prática da leitura. Com isso, a tarefa torna-se cada vez mais árdua para o professor engajar esse aluno ao mundo da leitura, visto que a era digital favorece muito mais atrativos do que os livros. É lamentável saber que “[...] quem não lê não sabe que achará respostas a suas perguntas na escrita [...]”. (FOUCAMBERT, 1994, p. 16). Portanto, o aluno perde a oportunidade de se descobrir, de torna-se cidadão crítico e participante, numa sociedade cada vez mais voltada para seus próprios interesses.

É oportuno, chamar o cordelista para dizer:

[...]
Com a chegada da Internet
Nossa educação ruiu.
O livro da nossa estante
Digamos que já sumiu.
As bibliotecas choram.
Pois o bom leitor fugiu.
[...]

(BARRETO, 2010, p.5)

Diante desses obstáculos encontrados pelos professores, é de fundamental importância, criar condições de práticas de leitura, onde os educandos possam perceber que a leitura é imprescindível, não somente para se comunicarem, mas para adquirir conhecimentos. É nesse sentido que a atuação mediadora será de fundamental importância, pois um trabalho com evidência na leitura corrobora para um bom desenvolvimento no âmbito escolar.

Bamberger, (2004) afirma que:

O desenvolvimento de interesses e hábitos permanente de leitura é um processo constante, que começa no lar, aperfeiçoando-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora, através das influências da atmosfera cultural geral e dos esforços conscientes da educação e das bibliotecas públicas. Conclui que a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. (BAMBERGER, 2004, p. 92.)

A partir dessas informações, a escola em parceria com a família tem um papel fundamental no incentivo do indivíduo ao mundo da leitura para que o mesmo descubra subsídios, sintam-se amparados e tenham um direcionamento voltado para a sua formação. Lajolo, (2002, p. 108) acrescenta que “[...] os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação na leitura

devem ser bons leitores. Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê”. No entanto, nota-se que muitos profissionais não estejam engajados nesse processo, pois se os mesmos não têm o prazer e o hábito de ler, será difícil ensinar e motivar a leitura. Infelizmente, esses profissionais acabam deixando uma deficiência no ensino e aprendizagem, e posteriormente terão dificuldades em formar bons leitores.

Foucambert (1994, p.6) confirma que “[...] um grande número de professores e pais acredita estar avaliando a leitura das crianças quando apenas medem um aspecto muito particular, hipertrofiado pelo ensino e que, na verdade, está ausente dos comportamentos de leitura.” Em decorrência disso, trabalhar a percepção da realidade com os alunos é muito importante, retirar a atrofia do ensino é fundamental para um melhor andamento no processo educativo.

De fato, o que se vê ocorrer na realidade é bem descrito por Kleiman (2001.p.102), quando esta afirma que em sala de aula “[...] priorizam-se muito as atividades gramaticais e de entendimento de texto, as quais, muitas vezes, são apoiadas, basicamente, em um único livro, ocorrendo desta forma, menor ênfase à atividade de leitura”. Corroborando com o pensamento exposto por Kleiman, Foucambert (1994, p. 5) acrescenta que “[...] a escola precisa de uma reflexão muito mais fundamental, precisa entender o que é leitura; só então será fácil e frutífero escolher.”

Indubitavelmente, a escola necessita utilizar produções orais e escritas em sala de aula. Não basta apenas aplicar atividades gramaticais. Se a escola não desenvolve a prática da leitura, será difícil cobrar do educando; isso significa que a escola deverá aplicar uma metodologia estruturada, traçando objetivos que possam realmente despertar o prazer da prática da leitura, por parte do aluno, mostrando-lhes que leitura é conhecimento, é uma possibilidade de interagir com culturas até então desconhecidas.

Nessa perspectiva, Foucambert (1994, p.147) toca em um ponto vital dessa análise, “[...] A batalha pela leitura é realmente uma batalha pela democracia, pois ela visa ao domínio coletivo dos meios de produção de sentido: não se trata de estender os hábitos de leitura existentes, e sim de alterar sua prática social. [...]”. Diante disso, o processo de leiturização demanda por mudanças, não apenas nas técnicas no que se refere ao ensino de leitura, mas também no processo social.

3 CORDEL: LITERATURA DE UMA REGIÃO

A Região Nordeste apresenta muitas riquezas culturais. Entre elas está a literatura. Mas especificamente o cordel. De acordo com Cascudo, (1988, p. 12) “[...] Nas naus

colonizadoras, e com os lavradores, os artífices gente do povo, veio naturalmente à tradição do Romanceiro, que se fixaria no Nordeste do Brasil, como literatura de Cordel”. Acrescentando à afirmação a esta afirmação de Cascudo (1988), Alencar, (2008, p. 1), confirma que “[...] Quando chegou ao Brasil, entre 1840 e 1850, a literatura de cordel trazia as narrativas circunstanciais do povo, surgiu e se fixou no Nordeste como uma das peculiaridades da cultura regional”. Devido ao enfoque do regionalismo, a literatura de cordel, que veio trazida pelos colonizados, achou refúgio nas mãos do povo nordestino, que soube cultivar e aprimorar essa riqueza cultural.

Segundo Diégues,

A organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumentos do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular. (DIÉGUES, 1977, p.6)

Através de suas poesias os trovadores cantavam, declamavam e divertiam o povo, sendo um veículo de comunicação, retratando fatos do cotidiano, com histórias reais e fictícias, permitindo que o povo mergulhasse nesse mundo de encanto e fantasia. Como nos afirma Diégues, o folheto de cordel transformou-se no “[...] elemento mais expressivo para que os acontecimentos chegassem aos conhecimentos de todos, lidos nos mercados, nas feiras, nos serões familiares, [...]”. (DIÉGUES, 1977, p. 21). Desse modo, podemos considerar o cordel como um jornal da época, como exemplo disso, pode-se citar temas trabalhados ricamente pelos cordelistas, como: a viagem do homem a lua, o suicídio do presidente Getúlio Vargas entre outros acontecimentos que foram registrados pelos cordéis e que tiveram grande repercussão.

É importante também acrescentar que alguns aspectos formais do cordel, como rima e métrica – elementos típicos de uma literatura trovadoresca – não foram seguidos inicialmente, no Brasil, pois os versos eram formulados de forma livre, alguns versos muitos longos, outros muitos curtos. Mas o que importava era a criatividade da rima. No entanto, com o passar do tempo os cordelistas passaram a produzir de acordo a formatação de origem européia.

É notável como os cordelistas a seguir transcreveram essa evolução:

[...]
Dos folhetos baratos
E do simplório barbante
O cordel evoluiu
Segui rota triunfante

Estudar este fenômeno
É um caso interessante.
[...]

(FORTALEZA; VIANA; VIANA, 2005, p. 3)

Para que haja uma visão mais ampla sobre o valor da literatura de cordel é interessante acrescentar que durante o período inicial da chegada da literatura dos cordéis, a maioria da população era formada por analfabetos, mesmo assim havia um grande público que apreciava e acompanhava esses artistas trovadores.

Os cordelistas Zé Maria de Fortaleza, Arievaldo Viana e Klévisson Viana (2005, p.1) deixam claro esse fato em seus versos:

[...]
O cordel que sempre foi
Um veículo de cultura
Somente os reis e os sábios
Faziam sua leitura
Pela legitimidade
Da fiel literatura
[...]

(FORTALEZA; VIANA; VIANA, 2005, p.1)

Segundo os pesquisadores, esse gênero de poesia popular impressa em folhetos, teve seus primeiros folhetos escritos aqui no Brasil e publicado na Paraíba por Leandro Gomes de Barros. Entretanto, outros poetas deram segmento como Silvino Pirauá de Lima entre outros. Inúmeros autores deixaram um valioso legado cultural para as nossas gerações. Dentre eles, Antônio Gonçalves da Silva, o “Patativa do Assaré”. Nordestino natural do Ceará. Ele que através de seus pensamentos poéticos externou a sua liberdade em falar e a sua ousadia em sonhar. Entre tantos versos escritos por ele, sobre este assunto, destacam-se os seguintes:

[...]
Eu sou de uma terra que o povo padece
Mas não esmorece e procura vencer.
Da terra querida, que alinda cabocla
De riso na boca zomba no sofrê
Não nego meu sangue, não nego meu nome.
Olho para a fome, pergunto: que há?
Eu sou brasileiro, filho do Nordeste,
Sou cabra da Peste, sou do Ceará.”
[...]

Nesse contexto, fica claro o seu amor pelo Nordeste, Seu dom poético, serviu muitas vezes para falar das injustiças sociais, mas sempre valorizando a cultura nordestina. Essa possibilidade que a literatura traz de transformar o “feio” em “belo e forte” é ressaltada por

Cascudo (1984, p.128) “[...] Admirável é que o tempo não lhes vença o ânimo nem apague a admiração do povo. Continuem como eram. Agora em menor porção, mas sempre queridos, cercados, cantando valentias, passando fome, vendendo folhetos, sonhando batalhas”.

Diante de todas as considerações, nota-se que, além de sua motivação para a leitura e escrita, a Literatura de Cordel será assim de grande valor na manutenção das identidades locais e das tradições de cada região. Tornando possível, através de sua aplicação em sala de aula incentivar o aluno a conhecer o trabalho desses artistas, bem como o próprio gênero, valorizando assim, a cultura popular. Diante dessas abordagens, é de suma importância ressaltar que os cordelistas do Nordeste precisam de maior divulgação em todo o território brasileiro. Suas obras precisam ser lidas, admiradas e entendidas como arte (o que realmente são).

4 O CORDEL EM SALA DE AULA

Nos dias atuais, buscam-se novos métodos e formas de apresentar conteúdos em sala de aula, sendo que o cordel, quando bem utilizado, vem a ser um excelente recurso pedagógico no ambiente escolar, uma vez que possibilita ao professor o debate de temas relacionados à educação, cidadania, solidariedade, preconceito, ética, cultura, discriminação racial, espiritualidade, violência, amor ao próximo, além de possibilitar ao aluno o aprendizado da gramática da língua portuguesa e servir também como leitura complementar.

È nesse sentido que, toma-se como exemplo o depoimento do professor de Língua Portuguesa na cidade de Salvador- BA, e também cordelista, Antônio Carlos de Oliveira Barreto. O cordelista relata como usa o seu talento para tornar as aulas mais atraentes.

“É uma mistura de aula com recital. Abordo questões necessárias ao entendimento da literatura de cordel e recito poesias da minha autoria. Quero mostrar aos alunos que é possível trabalhar qualquer tema no cordel [...] porque a leitura do cordel é sedutora, lúdica, musical, além de estar inserida num contexto pertinente à realidade deles. Isso acaba seduzindo o aluno. A gente aproxima os alunos da leitura e até de uma compreensão melhor da gramática, que é muita dura, seca.”³

Mas infelizmente o que se percebe é que a Literatura de Cordel não é trabalhada nas salas de aula bem como nos livros didáticos. Essa desvalorização dá-se por consequência de uma maior valorização para a cultura erudita. Há um divisor entre essas duas culturas. Para Cascudo (1973. P.22), cultura “[...] é o conjunto de técnicas de produção doutrinas e atos,

³ Texto disponível no site (<<http://iurirubim.blog.terra.com.br/.../ba-poeta-lanca-“cordel-do-novo-acordo>. Cf. referência.

transmissível pela convivência e ensino, de geração em geração.” Como se pode perceber, é a cultura que destaca a identidade de um indivíduo, ou de um determinado grupo de pessoas, inseridos numa sociedade.

Santos (1983) define a cultura popular e a cultura erudita da seguinte maneira:

Entende-se então por cultura popular as manifestações culturais (das classes excluídas do controle das instituições culturais), manifestações diferentes da cultura dominante e que estão fora de suas instituições, que existem independentemente delas, mesmo sendo suas contemporâneas. [...] cultura erudita: ‘cultura dominante que desenvolveu universo próprio de legitimidade, expresso pela filosofia, pela ciência e pelo saber produzida e controlado em instituições da sociedade nacional, tais como a universidade, as academias, as ordens profissionais. (SANTOS, 1983, p.55).

Diante desses aspectos, a cultura erudita é valorizada como superior ou dominante. Entretanto, ela é uma arte que nem todos podem ter acesso, por se tratar de uma arte para alguns grupos sociais. Diferente da literatura popular, que é uma arte do povo, que pode proporcionar ao indivíduo questionamentos sobre costumes e crenças de um determinado grupo, sendo um meio para contextualizar o educando no meio social. De forma alguma, nessa abordagem tenho pretensões de debater o que seja literário ou não, cada cultura tem seu valor, e suas raízes que devem ser respeitadas e analisadas. Mas é necessário fazer essa ressalva para mostrar os frutos que podem ser colhidos através da cultura popular, exemplo disso a Literatura de Cordel.

Segundo Ecélia Bossi (1987, p. 16) “[...] quando duas culturas se defrontam, não como predador e presa, mas como diferentes formas de existir, uma é para a outra como uma revelação [...] A cultura dominada perde os meios materiais de expressar sua originalidade”. Bossi (1987, p. 11) conclui que “[...] sempre que uma inovação penetra a cultura popular, ela vem de algum modo traduzida e transportada para velhos padrões de percepção e sentimentos já interiorizados e tornados como que uma segunda natureza [...]”.

Porém, convém ressaltar que nos dias atuais a literatura de cordel ganha sua importância, tal qual a cultura erudita. Devido aos seus valores, sua espontaneidade, mostrando que é uma cultura viva, uma cultura que deve ser preservada, pois exprime, de maneira simples, a rica cultura de um povo, constituindo dessa forma, um patrimônio cultural.

Sendo assim, é fundamental, relatar o que os cordelistas nos afirmam em um de seus trabalhos, intitulado *A Didática do Cordel*:

[...]
Vai da história real
Até as lendas e mitos
E com essa acepção
Escritores e eruditos
Com essa literatura
Dão sequência aos seus escritos.

E o cordel desde o tempo
Do folheto manuscrito
Vem conseguindo juntar
Popular e erudito
Mostrando que a sua força
Tem um poder infinito.
[...]

(FORTALEZA; VIANA; VIANA. 2005 p. 2- 3.)

Portanto, à medida que a cultura popular é trabalhada nas escolas, ela passa a quebrar paradigmas que a desvalorizava, passa a ser reconhecida, e, sobretudo abrirá leques para várias discussões em torno do assunto, despertando no aluno, um olhar crítico sobre o mundo que o cerca. Além disso, ela reproduz as suas experiências, expressa e constrói a sua realidade.

Atualmente, segundo Luyten,

A literatura de cordel sofreu mudança, não na sua estrutura, mas sim na sua essência. Hoje, ela trata, entre outras coisas, de reivindicações de cunho social e político. Os poetas populares, através dela, mostram a verdadeira situação do homem do povo. (LUYTEN, 1987 p.64)

Sendo assim, este tipo de gênero é um fabuloso veículo para criar condições para que os educandos reconheçam a leitura como pilar fundamental para a construção do conhecimento, pois além de retratar fatos fictícios, que pode produzir uma ludicidade ao aluno, muitos deles trazem fatos verídicos possibilitando o aluno a entender um determinado assunto que por algum motivo não ficou claro no processo de ensino e aprendizagem.

É nesse sentido, que o Cordelista Feirense, Ademar José de Araújo, em seu cordel que tem como título *Zumbi rei dos Palmares*, faz uma abordagem confirmando tais considerações:

[...]
Zumbi foi um líder negro
Corajosos e meio maluco
Que já nasceu no quilombo

Palmares, em Pernambuco
Lá na Serra da Barriga
E sempre venceu briga
Tendo na mão seu tabuco
[...]
De um lado o açúcar doce
E o amargo do outro lado
Um povo na escuridão
Viveu trabalho forçado
No Brasil plantando cana
Pra ricos cheios de grana
Que pra isso foi comprado.
[...]
Navios chegavam ao porto
Daquela capitania
De Pernambuco, e em Recife
Um armazém recebia
Escravos recém chegados
Para serem negociados
Como uma mercadoria.
[...]

(ARAÚJO, 2008, p. 1)

Esse magnífico trabalho prossegue mostrando o seu valor literário, confirmando que a leitura dirigida de textos em formato de Cordel é um valioso recurso didático. O cordelista Ademar Araújo, ainda prossegue suas reflexões em entrevista que concedeu a esta pesquisadora, que transcreve a fala de acordo com a linguagem do entrevistado:

“Eu conheço tantos garotões aí, que gostam disso aqui e eles não sabem por onde começar e às vezes me perguntam e eu digo: que beleza você me perguntar, eu vou lhe explicar, eu explico eu dou explicação sobre isso, tem os que gostam e os que não gostam [...], mas muitos se interessam, eu sinto isso e fico muito satisfeito.”⁴

Assim, como explicou o Sr. Ademar, fica claro que muitos estudantes se interessam pelo cordel, como o mesmo afirmou, muitos vão a sua procura. E para confirmar tais declarações, Viana (2006) afirma que:

O cordel hoje está atingindo um público diversificado. Não é mais aquele público tradicional, composto em sua maioria por trabalhadores da periferia ou o sertanejo. Hoje o cordel está nas universidades, nas escolas, nas feiras a gente está ocupando todos os espaços inclusive, a internet. (VIANA, 2006, p.1).

Portanto, é indispensável acrescentar as palavras de Luyten (2005. p. 14), “[...] a chamada literatura de cordel, no Brasil, não morreu; e continua longe de desaparecer.”. A partir desse

⁴ Esta entrevista é parte integrante do corpus conseguido na pesquisa de campo realizada nesta pesquisa.

ponto, de acordo com as palavras de Luyten, há a necessidade dos professores, através de pesquisas e práticas educacionais em sala de aula, colaborarem mais para que literatura de cordel ganhe seu merecido espaço.

4.1 ANÁLISE DE CORDEL NA ESCOLA MUNICIPAL ADEMÁRIO F. DOS SANTOS

Com o intuito de analisar o papel da leitura no processo de produção literária (cordel), como instrumento de letramento dos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Ademário Francisco dos Santos, foram realizadas as seguintes etapas em sala de aula: análises de textos de cordel— já conhecidos e novas produções feitas pelos alunos— análise de xilogravuras e oficinas de produção dessa arte tão utilizada nos cordéis; oficinas de leitura, trabalhos com textos voltados para que os alunos conhecessem um pouco mais sobre Patativa do Assaré.

As produções foram feitas em equipes, o que tornou o trabalho mais interessante, pois eles tiveram que interagir, trocando ideias e ajustando-as para organizar os cordéis. Foi relevante trabalhar com esse gênero, pois os alunos sentiram-se motivados a escrever seus textos, demonstraram uma grande descontração nas leituras dos cordéis, além disso, o trabalho de leitura ganhou ênfase com os trabalhos xilográficos, uma vez que estes ganharam status de interpretação plástica dos textos produzidos. Na perspectiva de maior interação com os alunos, houve também um momento importante de confraternização, onde os alunos puderam expor suas produções para colegas de outras classes. Este evento foi denominado como “Cordelistas do Ademário”. Os cordéis foram feitos na modalidade de sextilhas⁵. Essas produções tiveram como título: “A casa mal-assombrada”, “A educação dos jovens”, “Bahia meu timão”, “Preserve o meio ambiente”, e a “Seca no Sertão”.

Os exemplares, produzidos pelos alunos, foram feitas as devidas correções, digitados, organizado em formato de cordel, e entregue a cada aluno da escola, aos professores e também à direção da escola, como forma de registro do trabalho e na perspectiva que outros professores vejam as produções e sintam-se incentivados e incentivem – com a mesma metodologia ou outra que desejem realizar – seus alunos também a produzir textos.

E para as dúvidas que surgiram durante o processo de metrificação e rimas dos cordéis, tomamos como incentivo, as sábias palavras do Cordelista Abrão Batista⁶

⁵ Estrofes de seis versos e sete sílabas, com o segundo, o quarto e os sextos rimados.

⁶ Trecho da entrevista realizada com este autor durante a X Bienal do Livro em Salvador, em 05/11/11.

“Olhe, a vida nos ensina que o orgulho, a convicção de que ser grande não nos leva a coisa nenhuma, quanto mais você pensa que é grande, menor você é. Nunca pense em ser estrela, porque só seremos estrela quando o criador permitir [...] seja sempre bem com o seu próximo, não se acanhe em escrever mal escrito um Cordel, ninguém nasce sabendo a gente aprende a engatinhar, depois faz da ginástica um espetáculo [...].”

É nesse sentido que, parafraseando as ideias defendidas por Lajolo (2002) pode-se afirmar que, ninguém nasce sabendo, o aprendizado acontece na medida em que se vive, através de motivações. Assim, para que isso possa acontecer, é necessário dar os primeiros passos em busca de uma prática pedagógica voltada a partir do desenvolvimento consolidado pela leitura e produção de texto, sendo que a mesma pressupõe uma aprendizagem social e cidadã.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa análise crítica dos fatos abordados nesse artigo, fica claro a importância do processo educativo no que diz respeito à formação do indivíduo para que o mesmo possa inserir-se no mundo da leitura e da escrita. Após discorrer sobre o assunto, as reflexões apresentadas indicam que há um longo caminho a percorrer em termos de educação. Percebe-se que as imagens negativas em relação à leitura ocorrem, normalmente, por consequência de práticas desmotivadoras elaboradas em sala de aula, e com a intensa evolução tecnológica, surge a necessidade de uma maior rapidez e qualidade no processo de educação. Em virtude disso, a política educacional precisa rever conceitos, principalmente naquilo que diz respeito ao conceito de cultura, pois “[...] uma nova cultura nascerá de uma educação no real, não num meio fabricado para transmitir nossos sonhos humanitários. As novas gerações criarão a mudança que é necessariamente inimaginável.” (FOUCAMBERT, 1994, p.101). Sendo assim, fica evidente a necessidade em criar métodos de incentivos para a conscientização e valorização da leitura. Com base nos estudos realizados, foi possível considerar o cordel como uma ferramenta norteadora no processo de ensino e aprendizagem, podendo trazer mudanças nas práticas socioeducativas e na concepção crítica de cada indivíduo, pois é um gênero que possibilita também a interdisciplinaridade. Sendo assim, o cordel além de ser cultural social e histórico, abre espaço para pesquisas, sendo compassivo a outros gêneros da literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, C.C.L. **História do Cordel**. Disponível em: <http://www.cordelon.hpg.ig.com.br/historia_cordel.htm>. Acesso em: 16 nov. 2011.
- ARAÚJO, A.J. **Cordel Zumbi Rei dos Palmares**, 1ª parte . Feira de Santana, 2008.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- BARRETO, Antônio Carlos O. **Cordel: A professora Robô vai dar conta do recado?** Edições Akadicadikum:Salvador, 2010.
- BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira. Temas e Situações**. São Paulo: Ed. Ática, 1987.
- BOSI, Ecléia. Cultura e desenraizamento. In: Bosi, Alfredo. **Cultura Brasileira. Temas e situações**. São Paulo: Ed. Ática, 1987. p. 16.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**, Brasília, Secretaria de Educação Fundamental, 1997.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1988.
- _____. **Vaqueiro e Cantadores**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, análise didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- DIÉGUES JR, Manuel. **Literatura de cordel**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1977.
- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Tradução de Bruno Chirles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FORTALEZA Zé Maria de ; VIANA Arievaldo; VIANAKlévisson, **Cordel: A Didática do cordel**. Ceará : Editora Tupynanquim , 2005
- MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. São Paulo: Atlas,1991.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- KLEIMAN, Ângela . **Oficina de leitura**. 8. ed.. Campinas: Pontes, 2001.
- LEAHY-DIOS, Cyana. **Educação literária como metáfora social:rumos e desvios**. 2. ed.. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular?** São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **O que é Literatura de Cordel?** São Paulo: Brasiliense, 2005.

SANTOS, José Luiz dos. ***O que é cultura***. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Ana Araújo. **Literatura para Bebês**. Revista **Pátio**, São Paulo, n.25, p.57, Fev/Abr.2003.

VIANA, Arievaldo. **Acorda Cordel na sala de aula**. Disponível em: <http://fotolog.terra.com.br/acorda_cordel:17> . Acesso em: 18 nov. 2011.

SITES E PORTAIS

iurirubim.blog.terra.com.br/.../ba-poeta-lanca-“cordel-do-novo-acordo”. Acesso em 14/11/2011.

www.pensador.uol.com.br › autores › Patativa do Assaré. Acesso em 10/11/2011.